

**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado

Atena
Editora

Ano 2020



**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado

Atena
Editora

Ano 2020



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	<p>História e as práticas de presentificação e representação do passado [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-075-9 DOI 10.22533/at.ed.759202805</p> <p>1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores. I. Guilherme, Willian Douglas.</p> <p style="text-align: right;">CDD 907.2</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado” reuni 16 artigos entorno de um debate atualizado e propositivo sobre práticas e história. As pesquisas foram organizadas em 4 grupos conforme interesse da obra.

No primeiro grupo, temos três textos que discutem a presentificação e representação do passado do ponto de vista de território, trazendo um diálogo crítico e convidativo ao debate.

Para o segundo grupo, foram selecionados cinco artigos que dialogassem em torno da religião, trazendo ações históricas que permaneceram presentes nos tempos atuais. Polêmicas ou não, as pesquisas contribuem com a quebra de preconceitos e propõem novos olhares.

No terceiro conjunto, agrupei cinco pesquisas que apresentassem um debate relevante para o contexto histórico proposto por esta obra, que é a presentificação e representação do passado. As pesquisas permeiam o século XIX, XX e XXI.

Para o quarto grupo, são três artigos voltados para a discussão histórica por meio da educação. As pesquisas convidam ao olhar dialógico e levam o debate para além da leitura.

Desejo boa leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

I.

CAPÍTULO 1 1

A COMUNIDADE DE CERRO PELADO, FRONTEIRA E HISTÓRIA AGRÁRIA

[José Carlos Sampayo Ferreira](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028051

CAPÍTULO 2 13

A GUERRA DE (RE)CONQUISTA SOBRE O CAMPO MEXICANO E A RESISTÊNCIA TERRITORIAL ZAPATISTA

[Rodrigo de Moraes Guerra](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028052

CAPÍTULO 3 22

ALDEADOS DE PIRATININGA – INDÍGENAS ADMINISTRADOS DE SÃO PAULO COLONIAL (SÉCULOS XVI - XVII)

[Antonio Martins Ramos](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028053

II.

CAPÍTULO 4 33

ANALOGIA DO SÁBADO

[Cleonaldo Pereira Cidade](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028054

CAPÍTULO 5 45

CONTRIBUIÇÕES DE KOSELLECK, RÜSEN E FREIRE PARA O PROFESSOR DE HISTÓRIA QUE ATUE NO ENSINO RELIGIOSO.

[Marcelo Noriega Pires](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028055

CAPÍTULO 6 57

O CAMPO RELIGIOSO “BRASILEIRO” NA OBRA MACHADIANA

[Valdeci Rezende Borges](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028056

CAPÍTULO 7 70

ORIXÁ E NATUREZA: O CANDOMBLÉ NA PERSPECTIVA DECOLONIAL

[Victor Hugo Basilio Nunes](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028057

CAPÍTULO 8 86

O ESPAÇO DE TERREIRO COMO ESPAÇO EDUCATIVO

[Patrícia da Silva Pereira](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028058

III.

CAPÍTULO 9 98

O “LIVRO DE ENTRADA DE IRMÃOS DA IRMANDADE DE N. SRA. DO ROZARIO DOS PRETOS DA FREGUESIA DA CAXOEIRA” – RS, SÉC. XIX

[Henrique Melati Pacheco](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028059

CAPÍTULO 10 113

NETTO ENCONTRA SUA ALMA! UM CAUDILHO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL NA HISTÓRIA E NA LITERATURA (C.1836-C.1866)

[Cesar Augusto Barcellos Guazzelli](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280510

CAPÍTULO 11 124

O PODER BÉLICO DAS PALAVRAS: O DISCURSO VENCEDOR DOS REPUBLICANOS LIBERAIS NA QUEDA DA MONARQUIA NO BRASIL (1870-1891)

[Daiane Lopes Elias](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280511

CAPÍTULO 12 136

PARA ALÉM DA INVENÇÃO: UMA CRÍTICA AO CONCEITO HOBBSBAWMIANO DE TRADIÇÃO

[Ivan Rodrigo Trevisan](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280512

CAPÍTULO 13 146

FUTEBOL DE BOTÃO / MESA – PASSADO, PRESENTE E FUTURO NA PERCEPÇÃO DO BOTONISTA

[Ary Luiz de Oliveira Peter Filho](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280513

IV.

CAPÍTULO 14 165

PROJETO DE LEITURA E ESCRITA: FÁBULAS POTIGUARA

[Juracy Dayse Delfino Soares](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280514

CAPÍTULO 15 174

PROTAGONISMO POLÍTICO JUVENIL E NARRATIVAS DE HISTÓRIA: PERSPECTIVAS DA APRENDIZAGEM HISTÓRICA PELA *BURDENING HISTORY*

[Jéssica Christina de Moura](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280515

CAPÍTULO 16 189

PERCEPÇÃO SOCIOCULTURAL DO SÉCULO XIX ATRAVÉS DA ANÁLISE DO VESTUÁRIO DE ÉPOCA

[Lilian Patricia Soares Filocreão](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280516

SOBRE O ORGANIZADOR..... 201

ÍNDICE REMISSIVO 202

A GUERRA DE (RE)CONQUISTA SOBRE O CAMPO MEXICANO E A RESISTÊNCIA TERRITORIAL ZAPATISTA

Data de aceite: 12/05/2020

Data de submissão: 27/01/2020

Rodrigo de Moraes Guerra

Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História e Espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Natal – Rio Grande do Norte
<http://lattes.cnpq.br/6400434273588299>

RESUMO: o presente trabalho tem por objetivo suscitar uma discussão acerca da conjuntura político-econômica mundial neoliberal e dos movimentos de resistência frente às imposições capitalistas, tomando como objeto de estudo o Movimento Zapatista. Para tanto, analisamos a experiência zapatista a partir da conformação de seus territórios sociais autônomos como um mecanismo de resistência indígena, diante das ameaças e tentativas de (re)conquista dos territórios latino-americanos no atual contexto da Quarta Guerra Mundial.

PALAVRAS-CHAVE: Zapatismo; Território; Movimentos Sociais; História da América Latina; História do Tempo Presente.

THE (RE)CONQUIST WAR ON THE MEXICAN FIELD AND THE TERRITORIAL ZAPATIST RESISTANCE

ABSTRACT: The present paper aims to raise a discussion about the neoliberal world political-economic situation and the resistance movements in the face of capitalist impositions, taking the Zapatista Movement as object of study. To this end, we analyzed the Zapatista experience from the conformation of its autonomous social territories as a mechanism of indigenous resistance, in the face of threats and attempts to (re)conquer Latin American territories in the current context of the Fourth World War.

KEYWORDS: Zapatism; Territory; Social movements; Latin American history; History of the Present Time.

“Nos mapas, o território mexicano lembra às vezes uma ponte, um desconunal e turbulento caminho entre as duas Américas. E sua história multiplica essa metáfora: o espaço mexicano é um lugar de encontros, sempre dramáticos, muitas vezes fatais, quase nunca decisivos, entre diferentes povos e tradições culturais; entre conquistadores, arrogantes e megalomaniacos, e resistências tenazes; entre a iluminada Razão arquetônica e uma informe, frenética, plural América Latina.”

Héctor Alimonda

1 | O “JÁ BASTA!” ZAPATISTA

Como, certa vez, definiu Héctor Alimonda (1986), a história do México sintetiza, tragicamente, os dramas da identidade latino-americana. Esta história que traz consigo todos os pré-requisitos de um grande drama – colonização, escravidão, ditadura, Revolução, greves, rebeliões, sangue, suor e lágrimas –, incluiu, já no fim do movimentado século XX, mais um capítulo para dar continuidade à sua sina histórica. No dia 1 de janeiro de 1994 – data simbólica que representara o grande dia da festa neoliberal em territórios norte-americanos, pois, neste dia, o México aderira ao Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA), desta forma, cedendo ao neoliberalismo e aos interesses do *capital* –, desafiando todos os prognósticos que apontavam para o fim da luta armada revolucionária latino-americana, povos indígenas de Chiapas¹, cobrindo seus rostos com *pasamontañas*² e organizados, militarmente, em nome do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), anunciaram o seu “*ya basta!*” e reivindicaram demandas básicas como: liberdade, teto digno, terra, trabalho, saúde, alimentação, educação, democracia, independência e justiça³ (C.C.R.I – C.G. del EZLN, 1994).

Alegando serem produto de mais de 500 anos de exploração, o que os mesmos caracterizaram como *la larga noche de los 500 años*, fazendo uma referência direta à colonização espanhola em territórios mexicanos, os zapatistas⁴ insurgem para o mundo em nome não apenas dos indígenas de Chiapas, não apenas em nome das insatisfações da conjuntura política e social na qual eles estão inseridos em fins do século XX, mas em nome de toda a história de resistências indígenas frente ao *poder colonial* (QUIJANO, 2005), perpetuado numa dinâmica de *longa duração histórica* (BRAUDEL, 1992), culminando na exploração e desapropriação dos povos originários nas mais diversas formas – desde as mais comuns como a da *terra*, às mais complexas como a expropriação epistemológica, denunciada por Boaventura de Sousa Santos em “Epistemologias do Sul”⁵ – e violências nos últimos séculos.

1. Indígenas de origem *maya* representantes das etnias *tzeltales*, *choles*, *tzotziles* e *tojolabales*. BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro. **As raízes do fenômeno Chiapas**: o já basta da resistência zapatista. São Paulo: Alfarrabio, 2002, p. 18.

2. Tipo de gorro utilizado pelos zapatistas para cobrir os rostos, de modo que, apenas os olhos ficavam expostos. O *pasamontañas* assumiu uma função importante na construção imagética e simbólica do movimento, sendo utilizado, inclusive, como instrumento retórico para representar o esquecimento dos povos indígenas nas políticas públicas mexicanas, ao longo dos anos: foi preciso esconder os rostos para que pudessem ser vistos.

3. Demandas explicitadas na “Primeira Declaração da Selva Lacandona”, manifesto oficial de guerra ao Estado mexicano emitido pelos zapatistas, concomitante ao levante armado. Este e outros documentos emitidos pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional podem ser acessados no site <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/>.

4. Na bibliografia tocante ao assunto, é comum encontrarmos o termo “neozapatistas”, quando pesquisadores querem se referir, especificamente, aos indígenas de Chiapas, insurgidos para o mundo em 1994, tendo em vista as diferentes circunstâncias e pormenores históricos que difere o levante do final do século XX em relação ao levante do início do século XX, quando Emiliano Zapata liderou o Exército Libertador do Sul na Revolução Mexicana, logo, o “exército zapatista”. Todavia, no presente artigo, trataremos o levante de 1994 como um levante “zapatista”, pois, compreendemos uma continuidade histórica que nos permite referenciarmo-nos aos indígenas e demais comunidade que resiste em Chiapas dessa forma.

5. “O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizadas”. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 13.

Com a consolidação do levante e a expansão do movimento México afora, os zapatistas começaram a galgar posições na luta pelas suas demandas e, com paciência e *alegre rebeldia*, foram tendo, cada vez mais, suas vozes ouvidas e, por intermédio de seus discursos, construindo sua própria realidade. No tocante ao discurso zapatista, a figura do Subcomandante Insurgente Marcos⁶ – subcomandante, pois não é índio – se sobressaiu. Marcos apareceu para o mundo como o grande porta-voz do Exército Zapatista de Libertação Nacional. Digno de uma retórica literária que despertou o interesse e afeição de grandes escritores de renome mundial, como José Saramago, Manuel Vásquez Montalbán, Eduardo Galeano (o qual, inclusive, trocou correspondências com Marcos), Antonio Candido, entre outros, o Subcomandante fez do discurso um dos pilares centrais da luta zapatista, constituindo, dessa forma, não apenas um veículo de comunicação, mas, de fato, uma arma capaz de causar profundos danos aos seus inimigos: a *arma da palavra*.

No presente trabalho, portanto, tomamos como missão explorar um dos manifestos do Subcomandante Insurgente Marcos, datado de março de 2007 e intitulado como “*La guerra de conquista sobre el campo mexicano. El nuevo despojo... 5 siglos después*”, no qual exploramos como os indígenas de Chiapas têm resistido às pressões capitalistas neoliberais sobre seus territórios, os interesses envolvidos nesses conflitos e a construção de uma territorialidade autônoma, essencialmente vinculada a uma identidade zapatista, como alternativa de resistência e de desenvolvimento.

2 | TERRITÓRIOS SOCIAIS

Para desenvolvermos o debate acerca da territorialidade zapatista, partimos de uma concepção de *território social*, ou seja, para além das definições simplistas e corriqueiras junto ao senso comum, o território aqui é entendido como, fundamentalmente, um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder (SOUZA, 1995, p. 78). Todavia, isso não quer dizer que a cultura, a identidade, a economia, as relações ali desenvolvidas, não sejam de grande importância, ou não sejam abarcadas com a conceituação de território aqui trabalhada. Dessa forma, território consiste em um processo que envolve o exercício de relações de poder e a projeção dessas relações no espaço, levando em consideração a importância das demais instâncias sociais.

Dito isso, se faz importante ressaltarmos, ainda para introduzirmos este debate, a noção de territorialidade e a “descoisificação” do território. Por muito tempo, seguindo

6. Inicialmente de identidade desconhecida, o Subcomandante Insurgente Marcos teve o seu nome revelado em 1995, quando um antigo companheiro combatente o delatou. Segundo as informações divulgadas, o Subcomandante zapatista seria Rafael Sebastián Guillén Vicente, antigo professor de artes gráficas da Universidade Autônoma Metropolitana do México, e teria se incorporado, no ano de 1984, nas Forças de Libertação Nacional (FLN), uma organização guerrilheira chiapaneca e que seria um dos núcleos que culminou na formação do Exército Zapatista. No ano de 2014, em uma cerimônia repleta de misticismo e simbolismo, Marcos deixou de existir e deu forma ao Subcomandante Insurgente Galeano.

vieses tradicionalistas que atendem a interesses ideológicos, a noção de território esteve sempre atrelada a um substrato espacial material e, em grande medida, ao Estado-Nação – o que se enraizou no senso comum –, no entanto, como afirma Marcelo de Lopes Souza

Ele [o território] não precisa e nem deve ser reduzido a essa escala ou à associação com a figura do Estado. Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p. ex., uma rua) à internacional (p. ex., a área formada pelo conjunto dos territórios dos países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte - OTAN); territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica” (SOUZA, 1995, p. 81).

Portanto, a conformação do território zapatista irá consistir na ocupação de determinado espaço concreto, o qual será apropriado, ocupado, e dado sua significação através de projeções de relações de poder, relações identitárias, culturais, enfim, através da criação de raízes naquele dado espaço. Mais uma vez recorrendo à Souza

O território será um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os *insiders*) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os *outsiders*) (SOUZA, 1995, p. 87).

Logo, ao elegerem o estado de Chiapas – estado localizado no sudeste mexicano, próximo à Guatemala –, os indígenas zapatistas dão significado àquela região ocupada e constroem o seu território. Não mais o território amorfo e sem brio, escondido nas sombras do Estado-Nação mexicano, mas um território essencialmente zapatista, repleto de identidade, cultura e relações de poder construídas para e pelos zapatistas, a fim de gerir o seu próprio território, representado, sumariamente, pelo oximoro “mandar obedecendo”, uma expressão que não apenas balizará as sociabilidades autônomas zapatistas, como representa todo o conjunto de transformações e incorporações dos elementos e tradições indígenas à formação do movimento. Nas palavras de Carlos Antonio Aguirre Rojas:

Oxymoron profundo, que no sólo desmonta y desestructura de inmediato toda la lógica global de la política tradicional, basada desde hace siglos y milenios en la rígida separación y oposición del mando y de la obediencia, sino que también abre e instaura el espacio de otra lógica posible, completamente diversa, para abordar el problema de la gestión de los asuntos colectivos, de la administración de los recursos de asunción, ejercicio y reacción de los seres humanos con las figuras de lo que hoy es el poder político y el poder estatal (2016, p. 25).

Porém, a ousadia dos indígenas de Chiapas não seguirá um rumo calmo e pacífico. A ideia de um território identificado com indígenas rebeldes é tido como um afronte à “soberania nacional” e aos interesses capitalistas, o que será refletido na *guerra de (re) conquista sobre o campo mexicano*.

3 | A GUERRA EM CURSO CONTRA A HUMANIDADE... A QUARTA

No ano de 2007, os zapatistas surgiram com um comunicado que denunciava uma guerra cada vez maior não apenas contra os indígenas de Chiapas, mas contra os indígenas e camponeses de todo o mundo. Guerra esta encabeçada não por uma “superpotência”, ou por um exército em específico, mas por algo que possui o alcance e a capacidade de regeneração muito maior: o *neoliberalismo*. Nas palavras do Subcomandante Marcos:

Describimos a grandes rasgos la ruta que seguiria y sigue el capitalismo en su fase actual. Entonces la definimos como una ruta de guerra, de guerra de conquista, una guerra mundial, la Cuarta, totalmente total. Una guerra que superaba a las otras em brutalidade, pero repetia las pautas de una guerra tradicional de conquista: destruir y despoblar, para luego reconstruir y repoblar. (MARCOS, 2007)

A Quarta Guerra Mundial⁷, desta forma, configura-se na dessacralização, na vulgarização, na fulanização da terra, mãe de todos os povos originários, transformando-a em pura e simples mercadoria, visando atender às exigências neoliberais. E não apenas da terra, mas também da água, do ar e de todas as “coisas” que antes lhes faltavam valor de mercado, como afirma Marcos, ainda na mesma declaração.

Diante desta conjuntura de guerra, portanto, na qual “el ‘enemigo’ es el planeta mismo, no sólo sus habitantes mayoritarios, también todo lo que contiene: la naturaleza” (MARCOS, 2007), há a necessidade dos indígenas zapatistas resistirem e protegerem o seu território, tendo em vista a sedução do estado de Chiapas para com os interesses do capital. De acordo com dados levantados por Emilio Gennari (2005), Chiapas concentra 82% de toda a indústria petroquímica do México e suas hidroelétricas produzem 20% da energia de que o país precisa, o estado também detém 35% da produção mexicana de café, além de que, de suas florestas saem madeiras nobres e matérias-primas para as indústrias de biotecnologia, sem falar nas jazidas de petróleo, gás e urânio ainda não exploradas. Portanto, este estado localizado no sudeste mexicano, se materializa como o Eldorado moderno, aos olhos dos interesses neoliberais.

Isto posto, reconhecendo a América Latina como “uno de los nuevos escenarios de la guerra de conquista y, por tanto, los Pueblos Indios de América tendrán, como hace 500 años, el papel protagónico em la resistencia” (MARCOS, 2007), os zapatistas encontraram como recurso e estratégia de resistência a construção de uma territorialidade autônoma. No dia 1 de janeiro de 2003, o EZLN decidiu suspender totalmente qualquer contato e tentativa de acordo com o governo federal mexicano⁸ e fundaram seus *Caracoles* e

7. Em seus comunicados, os zapatistas caracterizam o atual estágio do mundo globalizado numa condição de guerra do *neoliberalismo* contra a humanidade. Com o término da Guerra Fria (Terceira Guerra Mundial) e a consolidação do mundo globalizado capitalista, os interesses neoliberais e a homogeneização do mundo globalizado passaram a projetar uma guerra de dominação mundial, de modo que, tudo e todos que não se adequem ou atendam aos interesses capitalistas, é considerado inimigo, daí o interesse em acabar com as populações indígenas, com a proteção à natureza, com as tradições culturais, etc.

8. Em 19 de julho de 2003, os zapatistas lançaram um manifesto intitulado “El EZLN decidió suspender totalmente cualquier contacto con el gobierno federal mexicano y los partidos políticos”, no qual eles denunciaram a violência contra os povos indígenas e suas insatisfações contra a globalização, que, segundo os mesmos, se converteu numa poderosa arma

*Juntas de Bom Governo*⁹, conformando, assim, seus territórios autônomos em resistência: “Les hacemos un llamado a todos para que se organicen de verdad. Que no sea sólo de palabra o de un momento. Que verdaderamente lo demuestren en los hechos. Ya es el momento que todos nos organicemos y que formemos nuestros municipios autónomos” (C.C.R.I – C.G. del EZLN, 2003). Organizar-se autonomamente, portanto, não foi um mero devaneio ou fetiche, mas uma tática, uma estratégia, uma necessidade e um projeto de futuro para a perpetuação de suas histórias. Após anos desde a insurgência e a tomada dos territórios em Chiapas, os zapatistas optaram pelo recurso a autonomia, pois já não acreditavam mais na conquista de suas demandas básicas através de um acordo justo com o governo mexicano e assim foi feito: fundaram seus próprios municípios autônomos, o que incluía sua própria forma política e organizativa social, bem como seus próprios *territórios de resistência*.

4 | AUTONOMIA E RESISTÊNCIA

Partindo do conceito inicial de território aqui proposto, vimos que território é, fundamentalmente, constituído através de relações de poder. Entretanto, se faz de suma importância nos desvincularmos da noção tradicional e reducionista de *poder*, a qual o atrela a algo, necessariamente, ruim. Como defende Hannah Arendt, o “poder” corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo, logo, o poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido (ARENDR, 2010). Sendo assim, se faz mister “ampliar a ideia de poder e, simultaneamente libertá-la da confusão com a violência e da restrição à dominação, permitindo assim conjugar ideias de poder – e, por extensão, território – e autonomia” (SOUZA, 1995, p. 80). Com isso, as relações de poder projetadas no território zapatista apontam para a conformação de um território visando uma gestão autônoma, desvinculando-se da relação heterônoma de poder com o Estado nacional, a qual propõe um caminho em direção ao desenvolvimento. Sendo esta, portanto, uma tática de resistência à Quarta Guerra Mundial que vai de encontro aos interesses de vida indígena.

A construção de uma territorialidade autônoma, desse modo, será crucial para um desenvolvimento amplo, vinculado não somente a questões economicistas, mas a questões de justiça social, inclusão e liberdade. A territorialidade autônoma zapatista está substancialmente associada aos valores identitários e culturais imbrincados naquele território, o que Paul Little irá tratar como a cosmografia do território, ou seja

contra os povos originários. Comité Clandestino Revolucionario Indígena - Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional. **EI EZLN decidió suspender totalmente cualquier contacto con el gobierno federal mexicano y los partidos políticos**. México, 20003.

9. Instâncias políticas mais desenvolvidas na conformação das espacialidades autônomas zapatistas.

Os saberes ambientais, ideologias e identidades – coletivamente criados e historicamente situados – que um grupo social utiliza para estabelecer e manter seu território. A cosmografia de um grupo inclui seu regime de propriedade, os vínculos afetivos que mantém com seu território específico, a história da sua ocupação guardada na memória coletiva, o uso social que dá ao território e as formas de defesa dele (LITTLE, 2002, p. 254).

Em suma, constituindo-se no *lugar*¹⁰ (TUAN, 2013) zapatista. É na defesa do seu lugar, que se confunde com a defesa de sua história, que os zapatistas irão nutrir a resistência aos avanços neoliberais no mundo globalizado: uma territorialidade autônoma, dotada de identidade e que, apesar de não constituir um movimento separatista, destaca-se da imposição hegemônica da conformação territorial do Estado-Nação e busca um maior desenvolvimento para os seus pares.

Destarte, a territorialidade zapatista materializa-se em forma de resistência, preservando sua natureza, seu povo e sua memória histórica. A fomentação de espacialidades regidas por um poder autônomo terá como resultado final um novo território projetado no interior do território nacional mexicano, todavia, sob as relações de poder concernentes às sociabilidades autônomas zapatistas, e não sob a imposição do poder heterônimo estatal, logo, sob o poder não mais centralizado, mas sim coletivizado, partilhado, pertencente ao grupo, o poder não mais singular, mas sim plural, como defendeu Hannah Arendt (2010).

5 | PARA SEGUIRMOS PENSANDO: POR UM MUNDO ONDE CAIBAM MUITOS MUNDOS

Como produto de uma longa duração histórica que atravessou 500 anos, desde a chegada do colonizador até o tempo presente, os zapatistas de Chiapas (e do mundo) permanecem em resistência, permanecem em luta pela *terra*. Resistência essa que já se manifestou nas guerras dos povos indígenas contra os colonizadores, nas guerras entre os camponeses e o poder institucional, no *Plan de Ayala*¹¹, e que, hoje, para preservar sua existência enquanto indígenas, se traduz na construção de um território social autônomo. A Quarta Guerra mundial repercute na realidade indígena de modo inegável, o Estado mexicano, e demais governos latino-americanos, se convertem nos capitães de reconquista dos territórios que vieram florescer as civilizações dos povos originários destas terras (MARCOS, 2007); o interesse nos recursos naturais para transfigurá-los em mercadoria é evidente e, com isso, os indígenas se vêem no dever de, uma vez mais, lutarem.

A ênfase que damos à “terra” é proposital, pois terra não constitui apenas o solo;

10. “Lugar” aqui, como conceitua o geógrafo Yi-Fu Tuan, enquanto a ressignificação do espaço, a partir de sua relação com o sujeito que, ao experienciá-lo, concedem aos espaços ocupados valores e elementos próprios daqueles povos, dotando-os, portanto de seus significados e configurando-se em seus lugares. TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

11. Plano de reformas de base do campo mexicano desenvolvido por Emiliano Zapata e os zapatistas que lutaram na Revolução Mexicana de 1910.

terra não é a estrutura física por onde, simplesmente, caminhamos; para o indígena, a terra é símbolo da sua história, a terra é a sua mãe. Utilizando as palavras de Sebastião Vargas

Tem que se ter em mente que a terra é entendida pelos camponeses mais que mero *meio de produção*: a terra e seu cultivo vinculam o ser humano com o ciclo vital das plantas e dos animais, e, assim, com o próprio ritmo cósmico que determina o seu lugar nele. Terra significa, então, não apenas a condição básica para a subsistência individual e familiar, mas também a provedora dos elementos necessários para a manutenção da organização social, a reprodução da identidade coletiva, e a sustentação do universo inteiro - coisa que demonstram tantos estudos antropológicos sobre o papel da festa - onde concorrem precisamente todos estes aspectos. No movimento zapatista, por sua ligação com tradições mitológicas maias, isso é muito claro de observar. (VARGAS, 2007, p. 252)

Portanto, terra é o núcleo da história, quando se pensa nos povos originários da América; lutar, resistir, combater as ameaças à sua terra é, concomitantemente, lutar pela sua história, pelas suas raízes, pelas suas memórias, tradição e vida, em suma, pela sua *madre*.

Como afirmou Marcos (2007), o caminho para este povo de baixo ser livre não está, sequer, feito, todavia, esse caminho será construído pelos “*sin nombre y sin rostro que, com sus luchas, van probando una y otra ruta hasta llegar a donde quieren llegar*”. Uma dessas rotas em direção a liberdade se passa pela construção da autonomia e que, esta plena autonomia, caminhe percursos distintos da hegemonia territorial do Estado, a qual, através de relações heterônomas, se impõe e distancia o caminho em direção ao pleno desenvolvimento humano. Ao pleno desenvolvimento que oferece a possibilidade de liberdade, teto digno, terra, trabalho, saúde, alimentação, educação, democracia, independência e justiça: “*En la Chiapas de nuestros dolores y esperanzas, las comunidades indígenas zapatistas demuestran que otro mundo es posible. Y que es posible levantarlo sobre la base de la cultura indígena, su concepción de la tierra y el territorio*”, diz Marcos, e finaliza seu manifesto enfatizando que tudo isso se trata “*de ser dignas y dignos*” (MARCOS, 2007).

Esta foi a luta dos indígenas mexicanos que perpassou a larga noite dos 500 anos, esta é a luta dos indígenas mexicanos que resiste à Quarta Guerra mundial. A territorialidade zapatista aponta, desse modo, para uma nova perspectiva sobre a questão territorial indígena no mundo pós-Guerra Fria, mundo este marcado pela globalização e por uma Nova Ordem mundial que propõe um mundo restrito aos seus interesses. A complexidade das relações espaciais indígenas, suas cosmologias de mundo, seus sentimentos e identidade, tornam a problematização e o aprofundamento na compreensão deste debate uma discussão preponderante para o tempo presente. Se faz de suma importância buscar nessa problemática novas possibilidades em um mundo regulado por relações de poder hegemônicas e por interesses do capital, suprimindo a possibilidade de um mundo pautado pela pluralidade e novas possibilidades de relações de poder no

âmbito territorial-social. Os indígenas têm direito à vida, bem como à história, e um dos caminhos para isso consiste em trabalhar na construção de um mundo outro, ou como os zapatistas defendem, *um mundo onde caibam muitos mundos*.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. **MANDAR OBEDECIENDO: Las lecciones políticas del neozapatismo mexicano**. 13. ed. Ciudad de Mexico: Editorial Contrahistorias, 2016.

ALIMONDA, Héctor. **A Revolução Mexicana**. São Paulo: Editora Moderna, 1986.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: **Escritos sobre a História**. Lisboa: Perspectiva, 1992.

BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro. **As raízes do fenômeno Chiapas: o já basta da resistência zapatista**. São Paulo: Alfarrabio, 2002.

Comité Clandestino Revolucionario Indígena-Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional. **Comandante Brus Li: palabras para los pueblos indígenas**. México, 2003. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2003/01/01/comandante-brus-li-palabras-para-los-pueblos-indigenas/>>, Acesso em 25 de jan. 2019.

Comité Clandestino Revolucionario Indígena-Comandancia General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional. **Primera Declaración de La Selva Lacandona**. México, 1994. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/01/01/primera-declaracion-de-la-selva-lacandona/>>, Acesso em 25 de jan. 2019.

GENNARI, Emilio. **EZLN Passos de uma rebeldia**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Série Antropologia**, n. 322. Brasília: Departamento de Antropologia, 2002.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. **LA GUERRA DE CONQUISTA SOBRE EL CAMPO MEXICANO. EL NUEVO DESPOJO... 5 siglos después**. México, 2007. Disponível em: <enlacezapatista.ezln.org.mx/archivos/ConquistaDelCampoMex.rtf>. Acesso em 10 de jun. 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In.: LANDER, Edgardo (org.). **A Colonialidade do Saber - Eurocentrismo e Ciências Sociais - Perspectivas Latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SOUZA, Marcelo José Lopes. Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. Bertrand: Rio de Janeiro, 1995.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

VARGAS NETTO, Sebastião Leal Ferreira. **A MÍSTICA DA RESISTÊNCIA: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos**. São Paulo, USP. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 103, 146, 163, 201

Afrocentricidade 87

Aldeamentos 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32

Analogia sabática 33, 34, 35

C

Campo religioso 57, 58

Candomblé 58, 65, 70, 71, 72, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 93, 97

Caudilhos 113, 120

Colonialidade 21, 70, 72, 73, 75, 76, 79, 80, 83, 84, 85

Cristo 33, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 62

D

Decolonialidade 70, 72, 73, 79, 84

Discursos políticos 124

Diversidade 30, 49, 57, 77, 79, 82, 83, 96, 97, 146, 151, 153, 155, 161, 178, 198

E

Educação 1, 14, 20, 33, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 77, 78, 84, 87, 95, 97, 164, 174, 175, 176, 177, 178, 181, 187, 188, 189, 201

Educação Histórica 45, 49, 174, 175, 176, 178, 181, 187, 188

Ensino de História 45, 56, 188, 189, 198

Ensino religioso 45, 46, 47, 50, 52, 53, 54, 55

Eric Hobsbawm 136, 137

Escravidão 22, 23, 24, 28, 29, 30

F

Força 22, 28, 29, 46, 50, 54, 57, 59, 77, 90, 102, 110, 125, 141, 180, 184, 187

Fronteiras 78, 79, 83, 112, 113, 115, 122, 131, 133, 134, 188, 195

G

Governo 17, 18, 26, 58, 59, 124, 125, 126, 130, 131, 180, 183, 184, 185

Guerra 2, 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 27, 47, 48, 59, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 127, 131, 133, 134, 150, 156

H

História da América Latina 13

História do Tempo Presente 13, 79

I

Identidade 14, 15, 16, 19, 20, 22, 30, 31, 50, 52, 76, 80, 91, 93, 109, 113, 115, 122, 138, 143, 144, 165, 168, 192, 195, 199

Ideologia 48, 50, 136, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145

Indígena 13, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 96, 165, 166, 171

Irmandades 63, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 107, 108, 112

J

Jogos de Escalas 98, 101

M

Machado de Assis 57, 58, 67

Movimentos Sociais 13, 21, 73, 103

N

Nação 16, 19, 35, 89, 110, 122, 128, 129, 136, 138, 142, 143, 151, 196, 199

Nacionalismos 136, 142

Negras 65, 72, 87, 93, 94, 97, 98, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 111

P

Província 113, 114, 118

R

Religiosidades 53, 57, 67, 86, 90

Republicanos liberais 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 135

S

Sábado 33, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 148

T

Território 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 91, 104, 119, 125, 167, 193

Tradição inventada 136, 137, 142

Transgeracionalidade 87, 92

Z

Zapatismo 13

 **Atena**
Editora

2 0 2 0